

A CURIOSA HISTÓRIA DOS COELHOS EM UMA ALDEIA KARITIANA (RONDÔNIA)

THE ODD STORY OF THE RABBIT IN A KARITIANA VILLAGE (RONDÔNIA)

Felipe Vander Velden¹

Resumo

Este artigo recupera algo da história curiosa dos coelhos em uma aldeia indígena no sudoeste da Amazônia brasileira. Na década de 70 um projeto de criação de pequenos animais tentou introduzir coelhos entre os Karitiana, povo Tupi-Arikém no norte de Rondônia. O projeto falhou completamente pouco tempo depois – assim como aconteceu com todas as tentativas de introdução do criatório ali –, mas deixou certos vestígios, que interessa investigar, especialmente porque coelhos são animais raros nas aldeias indígenas no Brasil, povoadas por muitas outras espécies domésticas introduzidas. Episódios mais recentes envolvendo esses mamíferos lagomorfos sugerem a incorporação, por parte dos Karitiana, dos coelhos – e outros novos animais de criação exóticos – de um modo distinto daquele proposto cerca de cinquenta anos atrás por um projeto voltado à segurança alimentar.

Palavras-chave: Karitiana; povos indígenas; coelhos; criação animal; animal de companhia.

Abstract

This article recovers somewhat the curious story of rabbits in an indigenous village in the southwestern Brazilian Amazon. In the 1970s, a small animal breeding project tried to introduce rabbits among the Karitiana, a Tupi-Arikém people in northern Rondônia. The project completely failed shortly afterward – as did all attempts to introduce animal husbandry there – but it left certain traces that are interesting to investigate, especially since rabbits are rare animals in indigenous villages in Brazil, populated by many other introduced domestic species. More recent episodes involving these lagomorph mammals suggest the incorporation, by the Karitiana, of rabbits – and other new exotic farm animals – in a different way from that proposed about fifty years ago by a project aimed at food security.

Keywords: Karitiana; Indigenous Peoples; rabbits; animal husbandry; pets.

¹ Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais (DCSo) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGA) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: fvander@ufscar.br.

1 Introdução ²

O geógrafo estadunidense Alfred Crosby (2003[1973]) denominou de intercâmbio Colombiano (*the Columbian exchange*) o processo por meio do qual uma multidão de espécies animais (assim como de plantas e de microorganismos) originárias da Eurásia e da África foram introduzidas nas Américas a partir de 1492. Desde 1500 o Brasil também foi e segue sendo invadido, por assim dizer, por esses seres exógenos: cães, gatos, bois, cavalos, jumentos, mulas, búfalos, cabras, ovelhas, porcos domésticos, galinhas, galinhas d'Angola, codornas, patos, gansos, cisnes, pombos, pardais, ratos pretos, camundongos, abelhas europeias, o bicho-da-seda, tilápias africanas (peixes ciclídeos), furões, javalis e muitos outros, menos conhecidos, todos eles passaram a compor, de diferentes maneiras, a fauna exótica existente no país (Camphora 2017)³. Muitas dessas espécies adaptaram-se de maneiras formidáveis às paisagens do Novo Mundo, e várias delas encontraram seus nichos também nas aldeias indígenas espalhadas pelo território brasileiro, algumas já nos primórdios da conquista no século XVI (Nordenskiöld 1922; Gilmore 1997; Vander Velden 2012, 2019).

Não foi diferente com os Karitiana (*Yjxa*), povo de cerca de 450 pessoas que falam uma língua da família Arikém do tronco Tupi, e que ocupam hoje em dia sete aldeias (cinco dentro dos limites da Terra Indígena Karitiana e duas fora dela, em zonas reivindicadas pelo grupo ao leste e nordeste da terra oficialmente demarcada) no norte do estado de Rondônia, no sudoeste da Amazônia brasileira; seu território tradicional situa-se nas bacias dos rios Candeias, Jamari e Jaci-Paraná, todos grandes tributários da margem direita do rio Madeira, onde tiveram os primeiros contatos com os não indígenas a partir da segunda metade do século XIX (Storto & Vander Velden 2022). Consta que, já nesses primeiros contatos, os Karitiana adquiriram alguns dos animais domesticados exóticos que tanto apreciam, como cães e galinhas (ver Vander Velden 2012). Hoje em dia, as aldeias Karitiana estão cheias de cachorros, gatos e galinhas, que dividem o espaço com animais familiares nativos, igualmente comuns, como macacos, quatis, araras, papagaios, jacamins e outros. Nas minhas etapas de pesquisa de campo,

² Devo, mais uma vez, agradecimento a Luciana Storno pelo auxílio com a língua Karitiana, e a Maria Sílvia Cintra Martins pela leitura e correções. As reflexões aqui apresentadas só foram possíveis graças a um Auxílio Regular de Pesquisa FAPESP (Processo 2020/05507-0), a quem agradeço.

³ Esse processo inclui a transferência de animais de outras partes do continente americano para as terras baixas e para o Brasil, como o peru (*Meleagris gallopavo*), trazido da América do Norte, e a chinchila (roedores da família Chinchillidae) transladados da região andina, e que se tornaram populares como animais de estimação a partir da década de 1960.

realizadas desde 2003, pude conhecer também patos, cavalos, um burro, porcos, ratos e pombos, e saber que cabras e galinhas de granja também viveram na aldeia Central (*Kyōwā*) – a mais antiga das aldeias atuais – alguns anos atrás. Pude conhecer, também, em 2006, na mesma aldeia Central, exemplares de uma espécie rara nas aldeias dos povos originários no Brasil: coelhos. Este artigo recupera a história curiosa dos coelhos em uma aldeia indígena no sudoeste da Amazônia brasileira, discutindo as transformações e continuidades nos modos de adoção da espécie desde sua introdução original nos anos de 1970 até os dias de hoje.

O coelho doméstico (*Oryctolagus cuniculus*) é um mamífero lagomorfo da família Leporidae originário da Península Ibérica e norte da África (Marrocos e Argélia), posteriormente difundido pelo restante da Europa e virtualmente por todo o globo. Ao que parece, o animal foi efetivamente domesticado no ocidente europeu a partir da Idade Média, embora já fosse mantido em cativeiro pelos romanos, que os apreciavam (Zeuner 1963: 409-415). Não se sabe a data da introdução do coelho de origem europeia no Brasil, mas sua criação – a cunicultura – para fins comerciais parece ter se iniciado no final da década de 1950, no estado de São Paulo (Starck 2011: 5), tornando-se, posteriormente, um animal de estimação ou companhia relativamente popular (Alves 2021)⁴, embora o consumo de sua carne ainda seja modesto no país (Bonamigo et al. 2017). O coelho doméstico não deve ser confundido com o tapiti ou tapeti (*Sylvilagus brasiliensis*, também chamado de candinba, coelho-do-mato, coelho brasileiro ou simplesmente lebre), uma espécie de lagomorfo nativa do Brasil (incluindo a Amazônia meridional) e de outras partes da América do Sul (Emmons & Feer 1990: 227-228; Sabinelli 2010), e que não foi domesticada, ainda que pareça adaptar-se bem ao cativeiro (Nogueira-Neto 1973: 254-256). Mas, o que os Karitiana têm que ver com esse animal exótico?

2 Os Karitiana e os coelhos

O casal de missionários norte-americanos David e Rachel Landin, ligados ao então Summer Institute of Linguistics (SIL, hoje Sociedade Internacional de Linguística), e que viveu entre os Karitiana entre 1972 e 1977, introduziu os primeiros coelhos para os moradores da aldeia Central – à época, a única aldeia Karitiana existente. David Landin (comunicação pessoal) lembra que eles tentaram um projeto de desenvolvimento comunitário por meio da

⁴ A reportagem afirma que os coelhos são “os pets da vez”, sua popularidade nos lares do país tendo crescido durante a corrente pandemia de COVID-19.

criação animal em pequena escala: a ideia era que os Karitiana iniciassem a reprodução dos animais como suprimento alimentar. De fato, em um artigo sobre a economia e a produção de alimentos entre os Karitiana, Landin (1979-1980: 233) afirma que coelhos (e patos) haviam sido “recentemente introduzidos”, colocando-os na categoria de “gado” (*livestock*). Landin recorda que os coelhos foram distribuídos a quem quisesse e pudesse construir um abrigo para os animais. No mesmo artigo citado, contudo, Landin assevera que, embora manifestassem grande interesse e prazer na companhia dos coelhos, os Karitiana não os comiam e, desta forma, “ainda que gastassem bastante tempo e energia cuidando dos animais, eles não colhiam muitos benefícios de sua criação” (minha tradução). Alguns meses depois, David Landin contou-me, todos os coelhos tinham morrido.



Foto: David Landin, década de 1970

O casal Landin pensava nos coelhos como uma alternativa viável para a segurança alimentar dos Karitiana. Estes, por outro lado, seguramente adotaram os novos animais como pets, ou “animais de criação”, expressão por meio da qual traduzem para o português o conjunto

de seres criados na companhia dos humanos que, na língua indígena, são agrupados na categoria de seres *by'edna*, aos quais, dizem, se “cria, cuida de perto, que está próximo da gente, de casa, que vive com as pessoas”, aqueles que comem com e como os humanos, ou seja, que são alimentados pelos humanos com comida humana, e que, claro, jamais – ou só muito raramente, em condições excepcionais (Erikson 1987) – são abatidos para o consumo⁵. Pode-se notar, nas fotografias gentilmente cedidas por David Landin⁶, que são basicamente as mulheres que adotam os coelhos – em 9 das 10 fotografias compartilhadas pelo missionário comigo são elas que aparecem a segurar os animais recém-distribuídos.



Foto: David Landin, década de 1970

⁵ O adjetivo *by'edna* deriva de *'et* (filho de mulher, cria) mais o sufixo adjetivizador *-na*: *'edna*, portanto, traduz-se como criado, como o cachorro, *obaky by'edna*, literalmente “onça que foi criada” ou “onça de criação” (*obaky*, cachorro + *by*, causativizador + *'edna*, criado, que foi criado). Ademais, como todos os adjetivos na língua Karitiana podem ser usados como verbos, *by'edna* também se traduz por “criar”. A relação parece filial, pois o adjetivo *'edna* também significa “estar grávida, com filho”: tudo se passa como se os animais *by'edna* são criados/gerados numa proximidade quase orgânica com seus donos humanos, e os Karitiana sempre explicam que “animal de criação é como filho”.

⁶ Em comunicação por e-mail, David Landin autorizou-me a fazer uso das imagens por ele captadas nos anos 70.

Os coelhos domésticos introduzidos pelos missionários nos anos 70 não vingaram – dada, provavelmente, a fragilidade dos animais, obrigados a viver em um ambiente estranho –, assim como não prosperou sua planejada criação para o sustento alimentar, uma vez que os Karitiana adotaram esses animais como animais familiares, que nunca são *himo*, termo que designa tanto a carne quanto a caça, indicando que é da caça que provém o alimento cárneo genuíno e apropriado. O que se cria não se come e, ao que parece, este também foi o destino de outros projetos de criação animal desenhados para o povo Karitiana, como um pequeno rebanho de cabras e um plantel de galinhas de granja (criadas em confinamento), que também falharam miseravelmente (Vander Velden 2016). Os coelhos, entretanto, parecem ter permanecido no horizonte dos Karitiana.

Durante meu período de pesquisa de campo na aldeia Central em 2006 encontrei coelhos na residência do casal Valter e Margarida, que mantinha nos fundos de sua casa uma pequena gaiola de madeira e tela com três coelhos de criação, duas fêmeas e um macho, chamados Carolina, Carlota e Bidu. Não disponho da informação sobre a procedência desses animais. Naquela ocasião, Valter Karitiana contou-me que os coelhos eram “só para enfeitar a casa”, o mesmo que se diz de vários animais familiares: que eles “enfeitam a aldeia”, sua simples presença servindo de “enfeite”, ou para “enfeitar o quintal”. A noção de enfeite ou enfeitado (*pojati*) é usada para se referir à pintura corporal e aos adornos feitos de penas, mas também às próprias penas variadamente coloridas das aves, definidas como seus enfeites. Aqui os animais são como que adornos das aldeias, e parece haver, assim, um senso estético – junto à conexão familiar – a dirigir a adoção de animais de criação pelos Karitiana.



Os coelhos nos fundos da residência de Valter e Margarida, aldeia Central Karitiana, 2006 (foto do autor)

Na minha visita seguinte, três anos depois, Valter me disse que os coelhos se reproduziram em grande quantidade – conhece-se bem a notável fecundidade da espécie –, mas que começaram a desaparecer durante as noites – segundo ele, por causa de um “bicho invisível” – até restar somente um casal, que ele soltou na mata. Contou, depois, que várias pessoas tinham relatado o encontro com coelhos na floresta, ele mesmo tendo visto um – é conhecido, também, o fato de que o coelho é um animal doméstico que apresenta grande facilidade em “retornar ao estado selvagem”, tornando-se feral (Zeuner 1963: 414). Já em 2011 conheci Paulo e Paulina, macho e fêmea, dois coelhos mantidos dentro de uma gaiola no interior da casa do jovem Carlinhos.

Saltam aos olhos os nomes dados aos cinco coelhos domésticos que pude registrar nas minhas passagens entre os Karitiana na aldeia Central. De fato, os Karitiana sempre conferem nomes próprios aos seus animais de criação, mas nunca nomes pessoais humanos, exceto no caso dos animais familiares nativos (macacos, araras, papagaios, quatis, e mesmo uma anta

chamada Bob que conheci em 2003) e esses sempre em português, nunca os nomes na língua indígena. Os animais familiares exóticos (cachorros, gatos, um burro e uma égua, além de alguns porcos) nunca recebem nomes pessoais humanos, com a estranha exceção de ao menos quatro desses cinco coelhos, a saber, Carolina, Carlota, Paulo e Paulina. Tal fenômeno sugere uma inusitada associação entre os lagomorfos introduzidos e os pets nativos. Minha hipótese é a de que os coelhos são os únicos animais introduzidos que permaneciam fechados em gaiolas (ou soltos apenas dentro de casa, de onde não podem sair), pois, dizem, de outro modo escapariam para a floresta. Assim, eram tratados – ao menos entre 2006 e 2011; não tenho dados sobre como os Karitiana adaptaram-se aos coelhos no tempo do casal Landin – tal qual os animais recolhidos na mata, que precisam ser amansados, e com frequência permanecem presos por correntes e cordas, ou dentro de gaiolas, cestos ou caixas, para que não fujam (cães e gatos, do contrário, jamais são confinados, vagando livres pela aldeia e por entre as residências, dentro e fora delas). Esta semelhança talvez tenha permitido que Valter e Carlinhos nomeassem seus coelhos seguindo a mesma lógica aplicada aos animais familiares nativos, que portam, eventualmente, nomes aplicados aos humanos.

Há, ainda, uma outra notável singularidade no que tange ao coelho, talvez ligada ao seu caráter anômalo em relação aos seres introduzidos: o fato de terem de ser presos para que não escapem para a liberdade no mato, assim como os animais familiares nativos. Todas as espécies exóticas introduzidas receberam nomes na língua Karitiana: cachorros (*obaky by'edna* = “onça doméstica/de criação”), gatos (*obaky ina* = “onça pequena”), porcos domésticos (*sojxa sepodnia* = “porco [selvagem; *sojxa* é o termo que designa *caititus* e queixadas] com rabo”), bois (*opoko irip'* = “anta dos brancos/não índios”), cavalos (*de ty* = “veado grande”) e galinhas (*opok ako* = literalmente “junto dos brancos/não índios”, mas frequentemente traduzido como “aquilo que os não índios têm em grande quantidade”), entre outros. Curiosamente, aos coelhos não foi atribuído nenhum termo na língua, nem mesmo por empréstimo seguindo os padrões fonológicos da língua Karitiana: diz-se, apenas, “que coelho não tem nome na língua, é só coelho mesmo”. Com efeito, David Landin não registrou o termo na língua para o coelho em seu dicionário e léxico Karitiana (Landin 1983), embora tenha sido ele mesmo a introduzir a espécie na aldeia Central na década de 1970, como vimos.

Mais recentemente, contudo, Elivar Karitiana informou-me que as pessoas na aldeia Central continuam adquirindo coelhos. Elivar me disse que foi o velho Pitanga⁷ que comprou, na cidade, um coelho, e que, agora, há um nome para a espécie na língua: *opok myndo*, cuja tradução literal é “cutia dos branco/não índio”, dada, provavelmente, à semelhança entre coelhos e cutias, embora estas últimas sejam roedores nativos do gênero *Dasyprocta*. É interessante que em uma das fotografias da coleção disponibilizada por David Landin aparece uma mulher com um filhote de cotia no colo.



Foto: David Landin, década de 1970

⁷ Pitanga, um senhor muito idoso que ainda vive entre os Karitiana, parece ser o último remanescente de um povo de língua Tupi-Kawahiva chamado Arara do Capivari (nome de um afluente do Jaci-Paraná), que teria sido exterminado nos anos de 1960 ou 70 (Leonel 1995: 59-62). Os Karitiana afirmam que o SPI trouxe Pitanga para a aldeia Central. Pitanga, assim, é um indivíduo externo, de certa forma, ao grupo, que traz consigo animais também exteriores para o interior do grupo -de forma análoga aos animais domesticados em geral, introduzidos, como dizem os Karitiana, “pela mão dos brancos”.

Elivar contou-me, ainda, que Pitanga também comprou e trouxe para a aldeia outro animal que ele chamou de preá (*Cavia aperea*, outro roedor silvestre nativo da América do Sul), mas que, devido a uma confusão relativamente difundida, pode-se tratar de um porquinho-da-índia (*Cavia porcellus*, outro roedor originário da fauna sul-americana), muito mais comum como animal de estimação razoavelmente comum no Brasil e de aquisição fácil em pet shops e casas agropecuárias por todo o país; os porquinhos-da-índia são mesmo chamados, por vezes, de preás⁸. Curiosamente, o tal preá também ganhou um nome na língua Karitiana: *mejehyty*, “rato grande”, derivado do nome genérico para os assim chamados (em português) ratos (*mejehy*) no idioma indígena.

É fato que os Karitiana são grandes apreciadores de animais familiares, frequentemente capturando e buscando criar uma enorme variedade de seres nas suas aldeias, acompanhando com interesse os desdobramentos desses processos por vezes bastante delicados. Nas minhas várias visitas as suas aldeias pude ver (ou saber notícias de sua existência) desde animais mais comuns – quatis, macacos-aranha, macacos-prego, jacamins, araras, papagaios e periquitos (curicas) – até aqueles mais raros, como macacos-velhos, mambiras (tamanduá-mirim), cutias, antas, tracajás, jabutis, tartarugas, gatos-maracajá (ou gato-do-mato), iraras, mutuns, gaviões de pequeno e mesmo de grande porte. Soube mesmo da tentativa de se criar, na aldeia Central, um poraquê (um peixe-elétrico, que Meireles mantinha em um poço cavado ao lado de sua casa) e uma jibóia (que Antônio Paulo criava em um “chiqueiro”, um cercado; os Karitiana afirmam que jibóias atraem sorte, riqueza e parceiras sexuais). Além disso, sobre várias outras espécies, os Karitiana especulam acerca da plausibilidade de seu amansamento e criação na aldeia, como, por exemplo, sobre os cachorros-do-mato (dois animais que os Karitiana denominam *kypon* e *gyryty*) – “cachorro-do-mato é bravo, mas se pega filhote, acho que dá para criar”, disse-me certa vez Epitácio –, mas afirmam que ainda não foram feitas experiências.

Tais experiências, todavia, parecem estar sendo mais e mais realizadas com animais exóticos trazidos das cidades, um hábito já adquirido pelos Karitiana há tempos, desde quando, nos primeiros contatos, na primeira metade do século XX, solicitavam cães aos seringueiros ou roubavam galinhas de suas colocações; também seguem algo estusiasmados, vez ou outra, por projetos de instalação da criação de diversas espécies domesticadas – galinhas, patos, bois, cabras, porcos – que ainda são promovidos entre eles como política de apoio à segurança ou

⁸ Ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/Porquinho-da-%C3%ADndia> (acesso em 14/08/2022).

soberania alimentares, de forma idêntica ao que se passou nos anos 70, como vimos, mesmo que já se acumulem aproximadamente 50 anos de falhas sistematicamente recorrentes de propostas como estas (ver Vander Velden 2012, 2016). Agora, adquirem, por meio da compra, alguns animais diferentes, antes desconhecidos, que passam a compor a rica diversidade desses “enfeites” vivos de suas aldeias. Resta saber se esses novos coelhos e esse inédito preá sobreviverão aos cuidados das famílias Karitiana.

Os Karitiana costumam afirmar que essas espécies trazidas após o contato com os brancos (*opok*) “não têm história” – “cachorro não tem história”, por exemplo –, no sentido de que deles nada dizem as assim chamadas “histórias do tempo [de] antigamente”, que correspondem ao que a antropologia denomina de mitos. No entanto, é certo que esses seres possuem histórias no sentido de narrativas que descrevem seus hábitos, características e eventos nos quais tomaram parte, o que fica claro numa publicação com finalidades didáticas produzida pela regional rondoniense do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em 2006, na qual se misturam tanto o que poderíamos chamar de mitos – histórias do “tempo de antigamente” – quanto narrativas do cotidiano ou da experiência de vida dos estudantes indígenas que compuseram os textos (Altini 2006). Neste último caso figuram histórias de caçadas, de onças, tamanduás, porcos e jacus, mas também de cachorros caçadores e de gatos. O mais interessante é que certas histórias presentes na publicação parecem, de fato, incluir os animais introduzidos no arcabouço conceitual dos mitos: elas não são, a rigor, narrativas do “tempo de antigamente”, mas de todo modo apresentam personagens animais que falam e comportam-se como seres humanos, o que concorda com a conhecida definição dada por Claude Lévi-Strauss (Lévi-Strauss & Eribon 1990: 178), de que um mito é “uma história do tempo em que os homens e os animais ainda não eram diferentes”. Consideremos o texto intitulado “O cachorro e o gato”, de autoria de Ismael Karitiana (reproduzido em Altini 2006: 22):

“Era uma vez a história do cachorro e do gato.
O cachorro estava muito alegre porque gostava de gato.
O gato estava muito feliz, e o cachorro não pensava que o gato ficasse alegre.
Quando o cachorro dançou com o gato, ele percebeu que o gato gostava dele. Na festa dos animais estava todo mundo. Os outros animais não pensavam que a festa ficasse tão agitada. Certo dia, o cachorro foi caçar e matou uma cutia. O gato ficou esperando o cachorro voltar.
Quando o cachorro chegou, o gato ficou muito alegre, porque o cachorro matou uma cutia. No dia do aniversário do cachorro, ele convidou todos os animais. E todos os animais ficaram alegres porque tinha carne para eles comerem”.

Teríamos, aqui, a evidência de um tipo específico de gênero narrativo Karitiana, que não se constitui em histórias das origens, de “antigamente”, mas assume as qualidades antropomórficas mesmo dos animais exóticos introduzidos, dos quais se diz que “não têm história”, tal qual acontece com os animais da fauna nativa que abundam nos mitos? Não tenho como afirmá-lo no momento, e creio que mais pesquisa seja necessária; ademais, é claro que podemos atribuir a natureza de narrativas como esta reproduzida acima (e das quais há outros exemplos no mesmo volume citado) à livre criatividade de seus autores, jovens estudantes indígenas em alguns de seus primeiros contatos com a escrita e a literatura ocidental. De todo modo, talvez haja mesmo muitas histórias a serem contadas mesmo dos seres sem história. Uma delas, certamente, é a história dos coelhos domésticos entre os Karitiana, animais com os quais convivem há pelo menos meio século, e que seguem apreciando ainda hoje como animais familiares, e que este artigo buscou tão somente introduzir a partir de fatos observados ou recolhidos nas memórias e escritos de não índios. Falta, agora, ouvir os Karitiana a respeito.

Considerações finais

Tenho poucas notícias da presença de coelhos nas terras e aldeias indígenas no Brasil, talvez porque sejam mesmo raros, talvez porque, como acontece com boa parte das etnografias, padecemos de um desinteresse geral pelos animais familiares ou de criação exógenos, geralmente mencionados apenas *en passant* como parte da paisagem ou das atividades produtivas (criação) dos povos indígenas, ou apenas em anedotas sem maior valor ou desenvolvimento heurísticos. Sabe-se que a regional Norte II do Conselho Indigenista Missionário (CIMI Norte II) tentou introduzir, entre 1986 e 1988, uma criação de coelhos entre os Tembé no alto rio Guamá (no estado do Pará), para, como dizem, sua “retomada econômica” (Alonso 1996: 74), mas a experiência não foi bem-sucedida, supõe-se, “por estar em desacordo com a cultura do grupo” (Sales 2000: 79) – exatamente que “desacordo” é este, e em que desvia-se da “cultura do grupo”, lamentavelmente, não ficamos sabendo. Ficamos também sabendo de um projeto, desenhado pela FUNAI, de implantação da cunicultura de corte entre os Kaingang na Terra Indígena Carreteiro, no Rio Grande do Sul – com a intenção de produzir 300 animais por família por mês –, mas sem dados adicionais (Moura 2002: 40), e de outro projeto, este já em funcionamento em 2011, entre os Waimiri-Atroari (Amazonas/Roraima) que, junto a outras

iniciativas – bovinocultura, coturnicultura (criação de codornas)⁹, ovinocultura, avicultura, piscicultura e criação de quelônios –, destinar-se-ia ao consumo das famílias nas aldeias (Brasileiros de Raiz 2011: 38). Por fim, temos notícia de que o Curso de Ensino Médio Indígena Integrado ao Curso Técnico em Agropecuária e Gestão e Manejo Ambiental, um curso técnico de nível médio oferecido aos jovens indígenas das etnias em Roraima pelo Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol (instituição educacional localizada na terra indígena homônima), possui, no seu currículo profissional, uma Área de Pecuária, na qual os estudantes frequentam uma disciplina (aulas teóricas e práticas) de Cunicultura, a escola inclusive mantendo um pequeno criatório de coelhos¹⁰ (Santos & Godoy 2011: 231-232). Desconheço, todavia, se algum projeto de criação de coelhos foi introduzido ou experimentado nas terras indígenas no extremo norte do país.

De fato, conhecemos verdadeiramente muito pouco sobre a presença de espécies exóticas introduzidas nas aldeias indígenas no Brasil, mesmo sobre aquelas mais difundidas, como cães, gatos, galinhas, cavalos e bovinos. Nosso conhecimento é ainda menor a respeito de espécies menos comuns como os coelhos e as codornas, que, como vimos neste texto, aparecem aqui e ali e tomam parte no cotidiano e no mundo das ideias ameríndias – sem que as consequências e os efeitos disse sejam minimamente estudados. Ademais, quase nada sabemos das espécies sinantrópicas ou comensais, aquelas que partilham da convivência com coletivos humanos sem, no entanto, serem domesticadas em senso estrito, como pombos e ratos europeus (Santos 2021). Há muito ainda por saber e pesquisar. É certo, de todo modo, que esses seres fazem parte do dia a dia de muitas comunidades originárias no Brasil e em países sul-americanos vizinhos – incluindo-se aqui, claro, os povos indígenas que vivem em áreas urbanas – e, em alguns casos, mesmo adentraram suas cosmologias, economias, línguas, práticas rituais, arte, tecnologia, práticas alimentares e de cura e mesmo nas atividades políticas. Trata-se, assim, de reconhecer a presença desses seres e passar da evidência anedótica ou de sua

⁹ Esta é a única referência que conheço à presença de codornas – também conhecida como codorniz-comum – de origem europeia em uma aldeia indígena no Brasil.

¹⁰ A escola oferece também disciplinas, com aulas práticas e teóricas (e com incentivo ao trabalho nas comunidades de origem dos alunos e das alunas) em Bovinocultura, Suinocultura, Caprinocultura, Avicultura, Piscicultura e Apicultura, todas da Área de Pecuária, e com vistas a formar técnicos em agropecuária e meio ambiente; além dos coelhos, o Centro Indígena mantém pequenas criações de porcos e cabras. A proposta de ensino técnico de pecuária está ligada à história de muitas comunidades indígenas do lavrado roraimense e dos campos naturais do vale do rio Branco, envolvidas com o gado desde pelo menos o século XVIII (Vieira 2007).

consideração meramente instrumental (como parte da economia local), conferindo a elas estatuto de objetos de interesse da Antropologia, da História e de outras ciências interessadas no diálogo com os povos indígenas e os mundos que habitam hoje.

Falta, ao fim e ao cabo, ouvir mais das palavras indígenas sobre esses seres. Qual é a história, ou quais são as histórias, deles desde as perspectivas indígenas, do passado distante ou mais recente? Como é a convivência nas aldeias com estes animais? Que nomes, comuns ou próprios, têm? Estão vinculados com as questões de gênero, idade, posição política, família, parentesco? Qual a parte que lhes cabe nas manifestações simbólicas, rituais e artísticas desses povos? Quais as técnicas desenvolvidas localmente ou importadas para se relacionar com eles, e através de quais ferramentas, instrumentos e materiais? Como estão relacionados ao universo dos não indígenas, dos brancos? Por que, e em que sentido, desde perspectivas indígenas, os animais introduzidos “têm ou não têm história” – conforme dizem os Karitiana –, e de que modos essas histórias, se existem, são lembradas e narradas – como mitos ou como relatos históricos? Todas essas são questões que me importam perseguir em minhas pesquisas, e oxalá este breve ensaio possa tornar o tema interessante também para jovens pesquisadoras e pesquisadores, indígenas e não indígenas, de distintas áreas do conhecimento voltadas à riqueza dos mundos dos povos originários no Brasil. Riqueza esta feita também de cachorros, galinhas, cavalos, bois e coelhos.

Referências bibliográficas

ALONSO, Sara. (1996). **Os Tembé de Guamá**: processo de construção da cultura e identidade Tembé. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ALTINI, Emília (org.). (2006). **Universo cultural Karitiana** – volume I. Porto Velho: CIMIRO.

ALVES, Ana Clara. (2021). Coelhos se tornam os pets da vez, mas eles exigem cuidados especiais. *Correio Brasiliense*, 04/01/2021, disponível em <https://www.correiobrasiliense.com.br/cidades-df/2021/01/4898209-coelhos-se-tornam-os-pets-da-vez-mas-eles-exigem-cuidados-especiais.html> (acesso em 13/08/2022).

BONAMIGO, Andrei; Duarte, Cristiane; Winck César Augustus; Sehnem Simone. Produção de carne cunícula no Brasi como alternativa sustentável. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, 10(4), pp. 1247-1270, 2017.

BRASILEIROS DE RAIZ. Waimiri Atroari festejam o ressurgimento. **Brasileiros de Raiz**, ano 1, nº. 2, pp. 35-42. 2011.

CAMPHORA. Ana Lucia. **Animais e sociedade no Brasil dos séculos XVI a XIX**. Rio de Janeiro: ABRAMVET/Edição da autora, 2017.

CROSBY, Alfred. The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492. **Westport**: Praeger Publishers, [1973] 2003.

EMMONS, Louise. **Neotropical rainforest mammals: a field guide**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

ERIKSON, Philippe. **De l'appivoisement à l'approvisionnement**: chasse, alliance et familiarization en Amazonie amérindienne. *Techniques et Cultures*, 9 (n.s.), pp. 105-140, 1987.

GILMORE, Raymond. Fauna e etnozoologia da América do Sul tropical. In: Ribeiro, Berta. (Org.), **Suma Etnológica Brasileira**. Volume I: Etnobiologia, pp. 217-277. Belém: Editora Universitária da UFPA, 1997.

LANDIN, David. "Some aspects of Karitiana food economy". In: **Arquivos de Anatomia e Antropologia**, IV-V, pp. 226-241, 1979.

_____. **Dicionário e léxico Karitiana/Português**. Brasília: SIL, 1983.

LEONEL, Mauro. (1995). **Etnodicéia Uruéu-au-au**. São Paulo: Edusp/IAMÁ/Fapesp.

LÉVI-STRAUSS, Claude ; Didier Eribon. **De perto e de longe**: relatos e reflexões do mais importante antropólogo de nosso século. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira: 1990.

MOURA, Mário. Kaingang bom de tijolo. **Brasil indígena**, 13, pp. 38-41, 2002.

NOGUEIRA-NETO, Paulo. **A criação de animais indígenas vertebrados**: peixes-anfíbios-répteis-aves-mamíferos. São Paulo: Edições Tecnapis, 1973.

NORDESKIÖLD, Erland. **Deductions suggested by the geographical distribution of some post-Columbian words used by the Indians of South America**. Göteborg: Elanders Boktryckeri Aktiebolag, 1922.

SALES, Noêmia. **Pressão e resistência**: os índios Tembé-Tenetehara do alto rio Guamá e a relação com o território. Belém: Unama, 2000.

SANTOS, Bruno S. **De outros ratos e outras humanidades**: uma etnografia das relações entre ratos e humanos nas aldeias Guarani-Mbya no Jaraguá (São Paulo/SP). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de São Carlos, 2021.

SANTOS, Raimund Rodrigues; Marília Ghizzi Godoy. A proposta de educação profissional integrada ao ensino médio indígena do Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol. *Tellus*, 11(20), pp. 215-239, 2011.

SIBINELLI, Valdemar. Tapiti – coelho brasileiro. **Revista Terra da Gente**, vol. 6, nº. 1., 2011.

STARCK, Alex Sandro. Desempenho e avaliação de carcaça de coelho submetidos à diferentes manejos alimentares. **Trabalho de conclusão de curso de Zootecnia** – Universidade Federal Tecnológica do Paraná, 2011.

STORTO, Luciana; Felipe Vander Velden. Karitiana. **Povos Indígenas no Brasil**. São Paulo: ISA, 2022. disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karitiana>.

VANDER VELDEN, Felipe. **Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana**. São Paulo: Alameda, 2012.

_____. Dessas galinhas brancas, de granja - ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO). **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, 3, pp. 11-34, 2016.

_____. Animais exóticos de origem europeia ou africana entre povos indígenas nas terras baixas da América do Sul: notas para pesquisas futuras. **Estudios Latinoamericanos**, 38, pp. 143-174, 2019.

VIERA, Jaci G. **Missionários, fazendeiros e índios em Roraima: a disputa pela terra**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2007.

ZEUNER, Frederick. **A history of domesticated animals**. New York: Harper & Row, Publishers, 1963.